



## Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00230
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Estadual de Santa Cruz
<b>CAMPUS</b>	UESC
<b>CIDADE</b>	SALVADOR
<b>UF</b>	BA
<b>CATEGORIA</b>	RT
<b>MODALIDADE</b>	RT04
<b>TÍTULO</b>	Je Sui Ici
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Flordenice Lima Gonçalves
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Comunicação
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Thyago Souza de Almeida (Universidade Estadual de Santa Cruz); Rita Virginia Argollo (Universidade Estadual de Santa Cruz)

#### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Je Suis Ici é um curta metragem, do gênero ficcional, com duração de 09:42 minutos, realizado no ano de 2019 pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Neste produto, representamos o racismo institucional enraizado na sociedade utilizando as técnicas que o audiovisual necessita para ser compreendido. Enaltecemos o corpo negro como um local de manifestação sociocultural e de resistência, pois, infelizmente, pensar na relação corpo negro versus sociedade é pensar na imposição da branquitude como dominação estética e comportamental, uma vez que esses corpos servem de referência de "modelo" universal de humanidade. Nosso objetivo foi refletir sobre o etnocentrismo, preconceito, desigualdade racial e social, a partir de uma adaptação da música "Um Corpo no Mundo", composta e interpretada por Luedji Luna, utilizando elementos videográficos como a videoarte, e a vídeo poesia que colaboraram para a construção narrativa. E a partir disso compreendemos o contexto histórico acerca da relação corpo negro com a identidade; Refletimos os efeitos do racismo na sociedade contemporânea; Problematicamos os estereótipos advindos do processo de escravidão e pós-abolição ainda perpetuados; Rememoramos vivências de pessoas reais que sofreram preconceito. Para o desenvolvimento da narrativa e da construção do pensamento da equipe, utilizamos autores como Nilma Lino gomes (2017), Frantz Fanon (2008), Florestan Fernandes (1964), Joseph V Mascelli (2010), Arlindo Machado (1988, 2001, 2010) Alex Moletta (2009), Lúcia Santaella (2016) e entre outros.

#### DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A discussão sobre a existência dos corpos negros é sempre desafiadora e complexa, visto que a sua presença na sociedade brasileira é marcada por estereótipos e preconceitos oriundos, sobretudo, do período escravista que durou 338 anos (1550-1888). A "descoberta" do Brasil culminou no repasse de diversas culturas originárias de países europeus para os indígenas e, posteriormente, para os negros trazidos da África. A miscelânea estrutural resultou na instauração de um regime escravocrata excludente. O sistema escravocrata classificava o povo negro como propriedade, tanto que "a carne negra foi vendida, humilhada, e diminuída às margens" (DAVIS, 2016, p. 17). Em nossa pesquisa exploratória, identificamos práticas discriminatórias que foram determinantes para o fortalecimento da concepção de que o ser humano que apresentasse características indígenas ou negroides era considerado indigno e inapropriado para estar no mesmo espaço onde viviam as classes privilegiadas e favorecidas. Desta forma, reverberou-se no imaginário da população brasileira o poder dos corpos brancos em relação aos corpos negros, desconsiderando a quantidade numérica e enquadrando-a em uma minoria social, isto é, um grupo que se encontra em estado de desvantagem socio-histórico-cultural. A falta de projeção e condições dessa parcela sub-representada acaba excluindo-a e marginalizando-a por meio de políticas públicas e outras formas que deveriam inclui-las de forma igual em uma base democrática. Em síntese, o negro construiu uma visão sobre si mesmo como um ser inferior e carregado de preconceitos, o que o transformou em uma minoria social mesmo sendo maioria numérica no país, com 50% da população, segundo dados do IBGE. De acordo com o sociólogo Florestan Fernandes (1964, p. 15), "a massa da 'população de cor' esbarrava contra dificuldades sucessivas às aspirações de classificação social", isto é, a invisibilidade está presente na raiz do racismo, que nega a humanidade do outro e se fortalece como modo de opressão e segregação. A partir dessa

perspectiva, após pesquisas e interação com esse universo, compreendemos a necessidade do debate de ideias a respeito da representação dos referidos corpos, cuja dominação (infestação) dos brancos sobre os negros definiu como estes últimos seriam vistos (FANON, 2008). Deste modo, características estéticas, como o cabelo, o nariz, os lábios e a cor da pele foram consideradas especificidades negativas e, no caso das mulheres, além de todos os pontos anteriores, ainda sofriam com a hipersexualização. A partir desse contexto, vimos a oportunidade de trazer o cinema experimental, como uma ferramenta política e revolucionária, que possibilita o tratamento de questões referentes à realidade, uma vez que esse cinema se constrói na contramão do cinema linear, contribuindo no sentido científico da descoberta de novas possibilidades dentro do campo do audiovisual. O gênero escolhido para a realização do produto foi o ficcional, visto que a ficção no curta-metragem representa uma realidade experimentada e vivida pela personagem, condensada num único e rápido momento, sendo uma obra breve e intensa que expõe histórias e que, devido à sua concisa duração, deve ser precisa, coerente e densa, de modo que a narrativa seja envolvente e clara (MOLETTA, 2009). Assim, alinhamos a criticidade da videoarte para tonificar o nosso discurso. A mesma razão nos fez optar pelo cinema experimental como guia e base para desenvolvermos a narrativa. A junção destas duas formas de fazer audiovisual tem como finalidade fazer com que o espectador se sinta submerso neste ambiente comum que, por vezes, ignoramos e nos afastamos, recorrentes no inconsciente social e cotidiano de exclusão.

## **DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:**

Na pré-produção, escolhemos as referências visuais e sonoras que foram importantes para nortear tanto a narrativa em si quanto a estética do produto, definimos a música que guiaria a nossa narrativa que estivesse ambientada à aclamação e à construção do corpo negro, sem deixar de lado os fatores sócio-histórico-culturais e que fortalecesse o pensamento empregado em nosso curta-metragem. Além disso, definimos o nome do produto, identidade visual, storyline, os personagens principais (Dona Nia, Hanna e Bem) e secundários, roteiro literário, projeto executivo, equipe, elenco, locações e os equipamentos que nos ajudaram no desenvolvimento da narrativa e da estética do produto. A logística, de modo geral (transporte, alimentação e disponibilidade), também foi um ponto-chave, principalmente por realizarmos as gravações durante o período de férias e precisarmos contar com a colaboração voluntária de cada um. Na produção aplicamos todo o planejamento quanto a arte, fotografia e o som, e utilizamos: 2 câmeras Canon T5i para a captura das imagens e para o som direto utilizamos o microfone boom e gravador, além dos equipamentos para iluminação e armazenamento de arquivo. As gravações do curta-metragem ocorreram no período de 11 a 21 de fevereiro de 2019. Na pós produção escolhemos a montagem não-linear, buscamos potencializar a narrativa através do conjunto de efeitos, folleys, som direto, músicas, ruídos, barulhos, do silêncio para a construção da paisagem sonora. Desta maneira, a trilha musical foi determinante para a construção dramática e também foi essencial para o sentimento de imersão do produto, especialmente por termos em nossa estrutura narrativa a música "Um Corpo no Mundo" e uma montagem não-linear com quebra de espaço e tempo. Ademais, usamos as estratégias na montagem como: raccords sonoros, jump-cuts, L cut, J cut, que foram fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho, pois através deles conseguimos construir: o mapa mental, continuidade, corte, intensidade, densidade, fluidez, tempo-espaço, naturalidade e emoção. Os efeitos gráficos acrescentaram a profundidade e a emoção que a narrativa precisava. Os programas utilizados foram o Adobe Premiere CC 2015, Adobe After Effects CC 2015, Adobe Photoshop CS6 e o Adobe Audition CC 2018 para a imagem e o Adobe Audition CC 2018, Reaper e o Sony Vegas para a parte sonora. Durante as fases de produção do material, buscamos representar o racismo institucional enraizado na sociedade com toda a técnica que as produções audiovisuais necessitam. Além disso, buscamos enaltecer o corpo negro como um local de manifestação sociocultural e de resistência, pois, infelizmente, pensar na relação corpo negro versus sociedade é pensar na imposição da branquitude como dominação estética e comportamental, uma vez que esses corpos servem de referência de "modelo" universal de humanidade. Por fim notamos que o racismo dissimulado (CARMICHAEL, 1967) não foi extinto da sociedade, na verdade, está longe de ser e ainda incide sobre os corpos negros. Esse racismo, como já foi dito, dissimulado, é o que se afirma inexistente, mas que, está presente, inclusive, nas oportunidades que representam um distanciamento brutal entre negros e brancos. Ao cumprir os objetivos traçados, focados em compreender o contexto histórico acerca do corpo negro como identidade, estética e sociedade, exploramos os estereótipos advindos do processo de escravidão e pós-abolição ainda perpetuados na sociedade por meio de histórias reais. Conseguimos realizar as fases de pré-produção, produção e pós-produção com êxito, superando as nossas expectativas enquanto produtores, mesmo diante das adversidades. Atestamos na prática que planejamento, diálogo e uma equipe que entenda desde o início a importância desta temática são fatores cruciais para a realização de um produto audiovisual de qualidade.